



INSTITUTO SUPERIOR DA EDUCAÇÃO

ARLINDO MOREIRA TAVARES

A REZA COMO EXPRESSÃO DE CULTURA SANTIAGUENSE

LICENCIATURA EM ESTUDOS CABOVERDEANOS E PORTUGUESES

ISE - 2008

ARLINDO MOREIRA TAVARES

A REZA COMO EXPRESSÃO DE CULTURA SANTIAGUENSE

TRABALHO CIÊNTÍFICO APRESENTADO NO ISE PARA OBTENÇÃO DO GRAU
DE LICENCIADO EM ESTUDOS CABOVERDEANOS E PORTUGUESES SOB A
ORIENTAÇÃO DO DR. JOSÉ MARIA SEMEDO.

O JURÍ

PRAIA, _____ / _____ / 2008

DEDICATÓRIA

Ao longo da minha vida, particularmente, na infância e na adolescência, assisti às rezas, na casa dos meus pais, em louvor aos santos pelos quais tinham devoção. Do mesmo passo, acompanhei o meu pai a muitas vésperas, tendo apreciado, com entusiasmo, os ensinamentos e os detalhes dessa manifestação cultural.

Quando o meu pai faleceu, eu já feito homem, para honrar a sua memória, mandei rezar todas as vésperas de praxe, ocasiões que me permitiram meditar profundamente na mensagem dos hinos que, associados à melodia inerente, não nos deixam dúvidas sobre a debilidade da existência humana.

Foi assim que, compreendendo a importância da reza como moderador do comportamento social, notei que a sua preservação deveria merecer maior atenção, já que, devido ao fraco conhecimento de que se dispõe nessa matéria, a mesma corre sérios riscos de desaparecimento.

Deitando mãos à obra, tive inúmeros incentivos e colaborações dos receiros dos mais variados recantos de Santiago aos quais reitero os meus sinceros agradecimentos. Todavia, gostaria de agradecer, particularmente, a algumas figuras cujos contributos foram determinantes na configuração deste trabalho quais sejam, o jovem **Padre Irineu**, os receiros **Amadeu Tavares** e **Virgílio Tavares**, a **minha família** pelo carinho e compreensão, o meu caro professor, **José Maria Semedo**, meu orientador e todos quantos, de forma directa ou indirecta, contribuíram para que este trabalho fosse realidade.

Para finalizar, gostaria de, com este trabalho, prestar uma justa homenagem ao meu falecido pai **Domingos Gomes Tavares** que me despertou o gosto pela reza e dedicar este esforço a todos os defensores da nossa cultura, na certeza de que, com o caminho desbravado, novos *inputs* serão dados à preservação da reza.

ÍNDICE GERAL

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| II CONCEITUALIZAÇÃO | 9 |
| ASPECTOS SOCIAIS E ORGANIZATIVOS DA REZA..... | 12 |
| IV OS MOMENTOS DA REZA E OS RESPECTIVOS SIGNIFICADOS..... | 16 |
| 1. Ladainha..... | 20 |
| 2. Novenas..... | 22 |
| 3. Stações | 24 |
| 4. Hinos | 25 |
| 4.1 Hino Junto à Cruz Dolorosa..... | 27 |
| V ANÁLISE DO HINO <i>JUNTO À CRUZ DOLOROSA</i> DO PONTO DE VISTA | |
| LITERÁRIO | 32 |
| VI ORIGEM DA REZA EM SANTIAGO DE CABO VERDE..... | 35 |
| VII. A REZA NA ACTUALIDADE SANTIAGUENSE | 37 |
| VIII. CONCLUSÃO | 39 |
| IX. BIBLIOGRAFIA..... | 41 |
| X. ANEXOS..... | 42 |

ÍNDICE DE ANEXO

| | |
|--|-----------|
| Anexo 1- TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS FEITAS A PROPÓSITO DA REZA | 42 |
| Anexo 2- HINOS QUE ACOMPANHAM A REZA | 46 |
| 2.1-HINO CANTEMOS | 46 |
| 2.2-HINO CLEMÊNCIA | 48 |
| 2.3-HINO MARIA DE SETE DORES | 52 |
| 2.4-HINO SENHOR DEUS | 56 |
| 2.5 - HINO SANTÍSSIMA TRINDADE | 58 |
| 2.6 - HINO Ó LUZ DO ESPIRITO SANTO | 59 |
| ANEXO 3- FOTOGRAFIAS | 63 |
| 3.1- Cenário | 63 |
| 3.2- Início de Reza | 63 |
| 3.3. Reza do Rosário | 64 |
| 3.4. Oh Luz do Espírito Santo | 64 |

INTRODUÇÃO

Movido pelo grande interesse de desvendar os segredos que estão por detrás desta grande manifestação cultural da Ilha de Santiago, da sua implantação e da sua resistência contra toda a espécie de menosprezo e perseguição por parte, tanto das autoridades coloniais, como por certos sectores da igreja católica, a ponto de a considerarem como uma heresia ou desobediência ao domínio eclesiástico, cedo optei por fazer um estudo sobre a reza, trazer à tona o valor social que encerra e contribuir quiçá, para o seu conhecimento, sua compreensão e sua preservação.

Na verdade, a reza permaneceu durante muito tempo como sendo uma manifestação religiosa marginal à nova forma de culto católico, por se entender que ela estava ligada a um bando de gente que se opunha às autoridades religiosas e, conseqüentemente, ao próprio regime político vigente. Face a esse preconceito, desenvolveu-se toda uma campanha de marginalização e de desprezo contra a reza e contra todos aqueles que a praticavam, rotulando-os de ignorantes, anticristo e até proibindo-os de baptizar os filhos, servir de padrinho e serem encomendados depois da morte.

Assim sendo, entendi que, pese embora se tenha feito algum trabalho sobre esta matéria, devia debruçar-me sobre a reza, como forma de inteirar da sua essência e concorrer para que ela seja melhor conhecida, explicitar as suas regras e ensinamentos e registar os testemunhos daqueles que, ao longo da vida, perdendo sono e sacrificando as suas horas de lazer, deslocam-se a longas distâncias cantando e rezando, convictos de que estarão a contribuir para que as almas dos defuntos sejam redimidos dos seus pecados e vivam para sempre na graça de Deus.

Para tal empreendimento, defini um conjunto de questões, objecto de pesquisa, percorri os cantos da ilha de Santiago onde ainda se mantém viva a tradição, consultando cantores de reza e recolhendo depoimentos susceptíveis de uma análise profunda que, aliás deu corpo ao meu estudo. Por outro lado, assisti a várias sessões cerimoniais da reza auscultando pessoas e assinalando todos os pormenores comportamentais, para além de consultar alguns sacerdotes e documentos existentes sobre este assunto.

O presente trabalho encontra-se dividido em capítulos que, por sua vez, se subdividem em títulos, por assuntos.

Começando pela **conceitualização** onde procurei definir e apresentar as versões conhecidas sobre o assunto, discorri, logo de seguida, pelos **aspectos sociais e organizativos da reza**, algo que me é muito caro, pois, quanto a mim, é aí é que se entende os pormenores da tradição em causa, sua estrutura organizativa e os rituais que a acompanha.

Os momentos da reza e os respectivos significados vêm dar corpo à essência do trabalho, já que neste capítulo me debrucei sobre o como é que se faz uma reza e qual o valor de cada uma das partes.

Como não podia deixar de ser, ao falar duma dada manifestação cultural, a localização temporal do seu aparecimento é extremamente importante para se compreender, em função da época, os valores sociais e culturais subjacentes. Daí, um capítulo sobre **a origem da reza em Santiago de Cabo Verde**.

Antes da conclusão, falei da **reza na actualidade Santiaguense** onde, de entre outros aspectos, fiz uma radiografia da reza na actualidade e perspectivei o futuro para essa nossa tradição, para depois tirar as **conclusões**, à luz do estudo feito.

Não pretendo com este trabalho esgotar os estudos sobre a reza, até porque seria uma aspiração inatingível, porquanto qualquer estudo em matéria cultural sempre comporta espaços abertos que o tempo se encarregará de preencher. A minha pretensão é simplesmente contribuir com os meus modestos esforços para que esta parcela da nossa cultura seja melhor conhecida e desperte o interesse dos investigadores na sua pesquisa. Se os meus intentos vierem a surtir efeitos, ficarei eternamente grato e compensado.

II CONCEITUALIZAÇÃO

Difícil se torna definir um conceito que, não obstante a sua presença e realização concretas e constantes entre nós, terá passado por mutações diversas ao longo da história do catolicismo, ainda anterior à existência de Cabo Verde enquanto país. Com efeito, **a reza ou véspera** não é uma simples prática cultural que no nosso meio se realiza em sufrágio das almas dos que faleceram com mais de 15 anos de idade. Ela é um conjunto de orações que está intimamente ligado à tarde, o fim do dia e o início da noite, com o fito de agradecer a Deus por tudo quanto nos deu e fizemos de bem, ao longo do dia.

A oração das Vésperas ou reza comemora o mistério da ceia do Senhor (celebrado à tardinha ou ao anoitecer) e lembra a morte de Cristo com que ele encerrou a sua jornada terrena. As Vésperas exprimem a espera da bem-aventurada esperança e do advento definitivo do reino de Deus que se verificará no fim dia cósmico. Elas têm, portanto, o sentido escatológico relacionado com a última vinda de Cristo, que nos trará a graça da luz eterna.

As vésperas são o símbolo dos operários da vinha eclesial que, no fim do seu dia, se encontram com o Patrão divino para receber o dom munificente do seu amor mais do que a recompensa devida ao trabalho¹.

Relacionando ainda a Véspera com a tarde, na antiga divisão horária, em uso entre os romanos, a ‘vigília vespertina²’ (isto é: a noite) era a primeira das quatro partes da noite: Véspera, meia-noite, canto do galo, manhã. Chamavam de ‘vespera’ também o astro luminoso da tarde (‘Venus’ estrela vespertina), que começa a tornar-se visível quando as sombras descem.

Entre nós, a reza ou véspera é um conjunto de orações que se fazem como interpelação a Deus e aos Santos pelas almas dos que faleceram com mais de 15 anos de idade, no 7.º ou no 8.º, no 29.º ou no 30.º e no 364.º ou 365.º dias após o falecimento, no sentido de redimir as dívidas desses falecidos e ajudá-los a alcançar a salvação.

¹ SARTORE, Domenico. & TRIACCA, Achille M. (1992) Dicionário de Liturgia. São Paulo. Edições Paulistas. 1992. pag. 658

² Idem. Ob.Cit. Pag. 657

Se o defunto em vida fora chefe de família, (esposo, esposa, ou pais destes que outrora foram chefes) a cerimónia terá sempre lugar no 8.º, no 30.º e 365.º dias sobre a data do passamento. Sendo o falecido apenas um membro do agregado familiar (que não chefe), o acto cerimonial realizar-se-á, invariavelmente no 7.º no 29.º e no 364.º dias após a morte.

Se eventualmente, não se realizar a reza no primeiro dos três prazos supracitados, nos dois subsequentes, valor algum terá para a alma do defunto em causa.

Na actualidade, em alguns pontos de Santiago fazem-se rezas no 90.º dia e no 180.º. Todavia, não é uma prática generalizada, e tão-pouco bem aceite por parte de certos *receiros*, que inclusive, recusam participar em tais cerimónias.

Em qualquer das circunstâncias apontadas anteriormente, a reza ou véspera não é indispensável. A sua realização depende: da hierarquia social do(a) falecido(a), da simpatia de que gozava no seu meio, das recomendações ou pedidos que fizera enquanto vivo(a) aos seus familiares, e das saudades, tristezas e lembranças que deixar.

Ao longo do período quaresmal, preceito ainda observado pelos *Rabelados*, a realização da véspera só é permitida pela Liturgia às terças-feiras, às sextas-feiras e aos domingos, pelo que, se os dias de semana, respeitando os prazos após o falecimento, não forem nenhum destes, a cerimónia deverá ser efectuada no mais próximo e imediato dia válido (terça, sexta e domingo). Entretanto, hoje em dia, tal princípio não está sendo observado no seio dos católicos não *Rabelados* que praticam a véspera, pois fazem reza em qualquer dia de semana, respeitando escrupulosamente os prazos após a morte, excepto os casos em que a morte tenha ocorrido fora do país e o corpo tenha sido dado à terra a posteriori. O que se respeita hoje em dia é o Mistério que se usa em função da época em que a Véspera é realizada. Segundo o Relicário Angélico, durante o ano vigoram três quadras litúrgicas e cada uma das quais tem o seu respectivo Mistério. Desde o Domingo do Advento até à Quaresma são os mistérios Gozosos com as orações e os oferecimentos concernentes; durante a época quaresmal até ao Domingo da Páscoa, os Mistérios Dolorosos e as respectivas orações e oferecimentos; a partir do Domingo da Páscoa até ao do Advento, os Mistérios Gloriosos com as orações e os oferecimentos que lhes são inerentes.

Ao conceitualizarmos a reza, que entre nós é também denominada de véspera, sentimos alguma dificuldade em relacionarmos os dois termos que, aparentemente, nada têm a ver um com o outro. Na verdade, etimologicamente, reza vem do latim *recitare* que significa dizer de cor; orar; dizer orações e, Véspera, dia imediatamente anterior a outro, oriunda também do latim, *véspera*, tarde; fim do dia. Entretanto, ao indagar um dos entrevistados, este disse-me que a véspera é assim chamada porque se acredita que depois da morte, a alma do defunto permanece em casa até ao oitavo dia e, só então, é que parte para o seu respectivo destino, data que coincide com o dia seguinte à realização da cerimónia.

Outra possível explicação é que, o dia da véspera coincide com o derradeiro dia do defunto na terra, ou seja a sua passagem para o além. De todo modo, qualquer das explicações que se dão a propósito da reza ou véspera, se relaciona simbolicamente com a tarde, o tempo das horas mortas, onde o sossego toma conta do ambiente e convida-nos à meditação que, aliás, a liturgia dedica às orações vespertinas.

ASPECTOS SOCIAIS E ORGANIZATIVOS DA REZA

Uma vez ocorrida a morte de um familiar com mais de 15 anos de idade, e este ter deixado a recomendação que se lhe fizesse reza, ou então, por iniciativa dos familiares, o responsável da *stera*, ou seja, a pessoa que hierarquicamente passa a cuidar do agregado, além de proceder ao funeral e receber as condolências ao longo do período da '*stera*', manda convidar os *receiros* do seu meio se houver em número suficiente, e caso contrário, recorre aos de localidades distantes, pedindo-lhes com insistência, que não deixem de comparecer para a véspera. De igual modo, manda convidar todos os parentes e amigos próximos do(a) falecido(a) de entre esses as mulheres casadas ou viúvas para rezarem o rosário.

De entre os *receiros* convidados, há que assegurar a presença de um **mestre ou padre de reza**, alguém de reconhecida idoneidade e que saiba ler, para orientar a reza, sem a cuja presença, a cerimónia não se realiza. Convém salientar que para se ser Mestre de reza, não basta saber cantar, é preciso conhecer os passos e os procedimentos que não estão ao alcance de qualquer um.

Ao receberem o convite para a véspera, cada um à sua maneira, arranja a sua ajuda, outrora mandioca, milho, arroz, feijão, grogue, ou até bode, para o dia da véspera, às vezes deslocando-se de longas distancias para chegar ao anoitecer à casa do defunto.

Na casa da família enlutada, isto é de (*nôcho*) nojo, prepara-se um jantar simples que é servido antes do início da cerimónia aos convidados que vieram de longe e aos *receiros*, ao mesmo tempo que se prepara uma refeição de maior gabarito e um café, para quem, à noite, não toma outro alimento, que são servidos logo após a **primeira reza** por volta da meia noite e meia.

O altar que se encontra armado desde o dia do passamento, em alguns casos, é revisto para a cerimónia da véspera com reforço do lençol branco que se coloca na parede onde a mesa se encosta.

O altar que é constituído para a véspera de mês ou de ano é armado no próprio dia do acto.

Para se armar o altar proceder-se-á da seguinte forma:

Coloca-se uma mesa ornamentada, encostada à parede, a igual distância, no respectivo lado dos ângulos da casa, e no sentido transversal desta, caso o defunto tenha sido chefe de família. Se o extinto não era chefe da família, a mesa é colocada no sentido longitudinal, mesmo em frente da porta principal.

O tampo da referida mesa deverá ficar completamente coberto com um lençol de imaculada brancura e rolado até ao chão, nos três lados livres da mesa, sobre o qual se coloca uma colcha de diverso colorido.

Na parede à qual a mesa se encosta, coloca-se um lençol que pendente sobre a mesa, a todo o comprimento desta, sobe paralelamente até cerca de um metro de altura, formando uma espécie de resguardo contra a intensidade da luz. Sobre este lençol, igualmente de fina brancura, prende-se um pano preto carregado, com as dimensões mais ou menos de um lenço de cabeça, pano esse que deixa no referido lençol uma orla branca, de cerca de vinte centímetros, na parte superior e nos lados. Ainda sobre o pano preto se aplica mais uma toalha alva aberta, de forma a deixar uma nova faixa, desta feita preta, com cerca de dez centímetros na parte superior e nos lados, descendo na parte inferior até cair sobre a mesa.

Apensa-se o crucifixo (San Manel) à dita toalha, embrulhado num lenço branco, com a extremidade inferior sobre a mesa, na qual também se colocam os castiçais ou, na falta destes, pires com velas acesas. Hoje adiciona-se uma fotografia do(a) falecido(a).

Estando assim armado o altar, coloca-se uma esteira no chão, logo em frente daquele onde, para além do **mestre de reza**, todos se ajoelham, na altura própria, para beijar o (San Manel).

Desta forma, está tudo apostado para se dar início à reza que contará necessariamente com, pelo menos, dois pares de cantores, incluindo o mestre de reza. No caso de haver cantores em abundância, poder-se-á realizar a reza em duas casas, mas, devido a escassez de *receiros*, tal eventualidade hoje raramente acontece.

Quando se realiza a reza em duas casas, o procedimento é o mesmo, isto é, forma-se um outro altar, escolhe-se um outro mestre de reza entre os excedentários, constituindo

mais dois pares de cantores. Neste caso, os cantores, assim distribuídos, encontrar-se-ão após a primeira reza, na casa do(a) falecido(a), para juntarem a cruz, cantando em coro o emocionante e triste hino “Junto à Cruz Dolorosa”. A partir dessa altura segue-se o intervalo e serve-se a refeição da meia-noite e meia.

A segunda reza que é iniciada depois do intervalo e que vai até ao amanhecer, processa-se na casa de *nôcho* e os cantores, (que se juntaram na casa do defunto) poderão continuar a cantar em pares alternados, visto que na reza só é de praxe cantar dois pares de cada vez, um par como solista e um par como coro.

Um aspecto que consideramos de alguma importância é que, não obstante a tristeza e a emoção que certos hinos como por exemplo “Junto à Cruz Dolorosa”, “Vós no Céu ”ou “Vai a Luz do Espírito Santo”, a família enlutada, à semelhança da saída do cemitério após o funeral, não deve chorar para não penar a alma e possa ir direita ao Céu. É que segundo a crença é no dia da véspera, 8º dia após a morte é que a alma parte para o além e não deve ser perturbada na sua viagem. Por outro lado, a viúva (caso houver) não acompanhará a cerimónia do Vai à Luz, se porventura não tenha acompanhado o cortejo funerário ao cemitério.

Os *receiros* e as pessoas mais antigas assistem com muita atenção ao momento da saída do cortejo da casa do defunto para acompanhar o ‘Vai a Luz’, pois, acreditam que se as luzes das velas se apagarem logo que atingirem a rua, a alma em causa é má e não se encontra purificada. Se, pelo contrário, as luzes permanecerem serenas até se terminar a cerimónia do ‘Vai a Luz’, a alma em causa é boa e se encontra purificada. Neste caso, não raras vezes se vê o sinal da partida da alma para o além encarnada numa passarinha (ave endémica de Cabo Verde) que se acredita ser representativa das almas.

Uma nota curiosa é que, segundo alguns entrevistados mais antigos, só passados três dias após a véspera, os tecidos utilizados na *Stera* deverão ser levados para a ribeira onde serão lavados. Afirmam, ainda, que nessa operação serão necessárias três pessoas e nenhuma delas deverá pertencer à família do defunto. Entretanto, apenas uma das três é que actua na lavagem dos respectivos tecidos. Interrogados sobre o porquê desse procedimento, dizem ser a tradição que vem desde há muito e que os seus antepassados lhes transmitiram como regra que não deve ser violada, sob pena de ocorrência de acontecimentos imprevisíveis. É o chamado ‘*ka bum*’.

Um outro aspecto social relevante é que, ao longo da *stera*, caso esta coincidir com o período das águas, os vizinhos e as pessoas amigas se ocupavam dos trabalhos da monda na herdade do familiar de nojo, num gesto de solidariedade, de forma a não permitir que as ervas prejudiquem as culturas e dar tempo para que a família se recuperasse do choque provocado pela perda.

Hoje, a tradição atrás referida esbarra-se com a ausência da água na ribeira, por um lado, e por outro, com o facto de a nova geração não seguir certos preceitos que acha ser descabidos e despidos de fundamento, dado ao seu maior nível de escolaridade, à afirmação do individualismo e ao declínio do espírito solidário que havia entre as pessoas, sobretudo por ocasião do falecimento dum familiar.

IV OS MOMENTOS DA REZA E OS RESPECTIVOS SIGNIFICADOS

Por volta das 20H30, depois de servido o jantar para os *receiros* e os convidados vindos de longe, alguém da família ou não, mas que nutre de um certo respeito na comunidade, sai de dentro da casa onde a reza terá lugar e avisa todos os presentes que estão fora de casa, que a reza vai começar e que deverão, a partir do momento, observar o silêncio absoluto.

Dentro de casa, as mulheres que vão rezar o rosário estão sentados, a um canto da sala, os homens (amigos e parentes) de outro lado e os membros da família enlutada assentam-se a um canto (lugar reservado exclusivamente a eles).

O padre de Reza e os restantes cantores circundam o altar, sentado em mocho ou cadeiras.

Ajoelhados todos, excepto os membros enlutados, o mestre sempre na vanguarda, todos se persignam e se benzem com o maior respeito e sentimento. É o início da cerimónia.

O mestre abre o Relicário Angélico (livro que serve de base à véspera) e reza, em voz pausada e sentida, o Acto de Contrição, secundado pelos cantores. Finda esta oração, todos rezam, em voz baixa, a Confissão geral.

Seguidamente, o mestre reza, sozinho, a Jaculatória à Maria Santíssima, lendo, de seguida, as seguintes palavras: «Abrirás meus lábios, Divino Senhor, dirá minha boca teu santo louvor». Ao mesmo tempo que se benze, o mestre vai proferindo as palavras seguintes: «Deus, a meu favor e amparo, atende, vem depressa a ajudar-me e a defender-me. Glória ao Pai Eterno, Glória ao Eterno Filho, Glória ao Espírito Santo, por séculos infinitos. Amem»³

Continuando, o mestre, acompanhado de mais um cantor como solistas e de outros dois como coros, entoam o hino: «CANTEMOS»

³ PEREIRA, António Maria. (1917) Relicário Angélico. Lisboa. Livraria Editora. Pag. 8

Prosseguindo, entoam, conforme for o dia de semana em que a véspera tem lugar, um dos três Mistérios do Relicário: **Gozosos**, se for às segundas e quintas feiras de todo o ano e nos domingos do Advento até à Quaresma, **Dolorosos**, se for às terças e sextas feiras de todo o ano e nos domingos da Quaresma e **Gloriosos** se for às quartas e sábados de todo o ano e nos Domingos da Páscoa até ao Advento. Sejam quais forem os mistérios entoados, os mesmos serão seguidos das respectivas orações e oferecimentos que são um Padre-nosso, dez Ave Marias e uma oração de oferecimento para cada um dos Mistérios.

Os Mistérios são quinze: cinco Gozosos, cinco Dolorosos e cinco Gloriosos. Entretanto, recentemente, o Papa D. Paulo II instituiu mais um mistério que o denominou de “*Mist Lumin*” Mistério Luminoso e que não faz parte reza.

Terminados os cânticos dos Mistérios, orações e oferecimentos concernentes à quadra litúrgica, entoa-se a «Salve Rainha» seguida do hino «Clemência», se a reza é dedicada à alma de um defunto, ou «Maria de Sete Dores» se a reza é dedicada à alma de uma defunta.

Chegou agora o momento da «Aplicação». Esta Consiste numa reza em louvor de Santos que o mestre, à sua escolha, manda fazer e cujos nomes vai proferindo consecutivamente, pelas Almas do Purgatório e pela do defunto por quem a Véspera se pratica, seguido de Pai Nosso, Avé Maria, Glória Padre e Credo.

Concluída a Aplicação, canta-se os hinos «Senhor Deus» e «Santíssima Trindade e faz-se uma Novena, da qual a seu tempo falaremos.

Prosseguindo, entoa-se o hino «Bendito», cuja composição e música encerram uma harmonia e sentimento únicos que cortam os corações de todos quantos, de uma forma ou outra, se encontram ligados à pessoa do falecido. Este hino é seguido de um outro, desta feita, «Meu Jesus», que, em se cantando, o mestre empunha o Relicário aberto no capítulo «Novena das Almas do Purgatório» sobre o qual coloca o Crucifixo (San Manel) que vai sendo beijado, de joelhos por todos os presentes (excepto os familiares). A cerimónia continua com o cântico Ave Maria e, simultaneamente, empunhando velas acesas, o mestre e os cantores se deslocam do altar até ao canto da sala onde se encontram os familiares, os quais, por sua vez, beijam também o Crucifixo (San Manel).

Termina assim a primeira parte dos rituais (cânticos e orações), conhecida pela 1ª Reza.

Chega a hora do intervalo, momento em que se serve uma abundante refeição e um café bem forte para todos os presentes. Como tradicionalmente ninguém deve abster-se de tomar alguma coisa, hoje em dia, serve-se sumo de vários sabores e qualidades, vinho, cerveja, grogue e até Whisky. Para essa refeição, em conformidade com o poder económico da família, chega-se a abater boi, porcos e capados com cuja carne se confeccionam pratos diversos tais como: feijão pedra com toucinho; massa de milho com mandioca, batata comum e carne de capado, boi ou porco; cabidela de sangue de capado; Cherém; arroz; sopa de *loron* ou de massa de maçã, etc.

Essa paparoca conhecida por *comida'l bésa* é servida pelos homens em grandes tigelas, outrora feitas de barro, que são colocadas sobre mesas preparadas para o efeito no meio da rua, e cada um serve o que quiser e à sua vontade. Os *receiros* e as mulheres do rosário são servidos dentro do recinto onde rezaram, pois, por tradição não podem comer fora sob pena de sofrerem consequências não especificadas.

Depois da refeição, todos os talheres e restos de comida, de acordo com o hábito, são recolhidos em balaies pelos homens que os levam até ao lugar onde se processou a repartição da comida para que as mulheres possam limpá-los e lavá-los.

Se sobrar alguma comida, esta será aquecida, logo de manhãzinha, para o pequeno-almoço e depois repartida aos vizinhos. Nada deverá ficar em casa da véspera nem o farelo resultante da preparação do milho. Assim manda a tradição.

Passado o intervalo e a refeição, entoam-se hinos diversos constantes da Cartilha dos hinos como que num desafio entre os *receiros* até de madrugada, altura em que é servido mais um café para espantar o sono.

A reza (a segunda) prossegue, desta vez com uma «Ladainha dos Mortos», (parte integrante da Véspera de que falaremos mais adiante) e hinos e Stações até ao romper da aurora.

É precisamente nesse momento que chega a hora mais triste e mais desgastante para todos os familiares e amigos, desde que o corpo partiu para o campo santo há 7 ou 8

dias. Vão começar os rituais e cânticos do «Hino Vai a luz do Espírito Santo» com toda a sua carga tradicional no funesto silêncio que infecta o ambiente envolvente.

Todos saem da *casa de nôcho* num cortejo lento e processional guiados pelo mestre de reza que, de Relicário Angélico aberto no capítulo «Novena das Almas do Purgatório e de Crucifixo (San Manel) sobre este, segura, à semelhança dos outros, velas acesas. Simultaneamente cantam o hino «Vai a Luz - Luz do Espírito Santo». Todos marcham na direcção que levou a urna a quando do cortejo funerário. Numa distância de cerca de trinta a quarenta metros param e, concluído o hino que entoaram, o mestre, sozinho, faz o oferecimento.

A cerimónia prossegue com a entoação do hino «Levai esta Alma» seguido do respectivo oferecimento, da competência exclusiva do mestre de reza.

Terminado esse rito e ainda no local, faz-se uma *Staçon pelo* eterno descanso do alma do defunto e de todas as almas que se encontram na sua companhia e que a vieram buscar para a conduzir ao Reino dos Justos.

Com esta última série de orações todos agora regressam à *casa de Stera* num silêncio absoluto com passo lento e sepulcral porque a alma tomou o seu destino para nunca mais voltar.

Uma vez regressados à casa, as portas e as janelas que se mantinham fechadas ou semiabertas desde o dia da morte são agora abertas por completo, o altar é desarmado, a mesa posta a uma certa distância, os lençóis, toalhas, lenço, castiçais, o pires são colocados também fora de casa por algumas horas.

Tudo isso é feito no sentido de não deixar lugar algum ensombrado ou com algum utensílio que possa reter alguma alma que, eventualmente, não tenha seguido o seu destino final.

1. Ladainha

A ladainha é um conjunto de invocações a Deus, aos Santos, às Instituições e às Criações Divinas no sentido de lhes pedir socorro e protecção pela alma do defunto objecto da reza e pelas almas de todos aqueles que se encontrem na companhia desse defunto.

Depois das invocações acima referidas que se fazem acompanhar do coro '*Ora pro nobis*' «Rogai por nós, ele(a)» e, conforme for a intencionalidade da ladainha, reza-se a seguinte oração:

«Santíssima Mãe de Deus, pois invocamos vosso auxílio e socorro, não desprezeis nossos rogos, em nossas necessidades, antes nos livrai sempre de todos os perigos, ó Gloriosa Virgem e bendita Senhora, intercessora e advogada nossa, reconciliai-nos, encomendai-nos e apresentai-nos esta alma (a alma do defunto) a vosso glorioso Filho, com quem viveis e reinais por todos os séculos dos séculos. Amem Jesus⁴.»

Não obstante a Ladainha ser parte integrante da Véspera ou reza, a mesma pode ocorrer fora do âmbito da cerimónia da reza, dependendo dos motivos por que ela tem lugar. Assim, além daquela que é intrínseca da Véspera, podemos distinguir três espécies de Ladainhas:

Ladainha dos Mortos: que é realizada por falecimento de adultos ou crianças desde que tenham sido baptizados, e tem lugar na presença do cadáver;

Ladainha de 'prométa' (promessa): que se efectua por acção de graças por algum benefício recebido;

Ladainha ou reza: quando o objectivo é louvar um santo de devoção.

Para se efectuar uma ladainha, deverão estar presentes, no mínimo, sete pessoas. Na dos mortos, não há convites, porquanto, a notícia do falecimento propaga-se

⁴ PEREIRA, António Maria. (1917) Ob.cit.Pag. 58

rapidamente e as pessoas acorrem, em grande número, para a casa onde o corpo se encontra.

Na ladainha de *prometa* ou na de louvor aos santos torna-se necessário fazer convites, pois, estas são premeditadas por quem as faz e, portanto, objecto de carácter privativo.

2. Novenas

Do latim '*novena*', novenas são práticas ou exercícios de devoção que se fazem ao longo de nove dias consecutivos. Todavia, entre nós, e falando especificamente da novena no quadro das orações que se fazem por intenção dos defuntos, ela é uma prática tradicional que se efectua a partir do dia seguinte ao do funeral e, se prolonga até ao dia anterior ao da «véspera».

Por hábito, começa-se a novena por volta das 20 horas e prolonga-se pela noite adentro, dependendo a sua duração não só dos rituais e cânticos, mas sobretudo dos hinos que seguidamente forem entoados, cujo número oscila em função da hierarquia local do(a) falecido(a) o que influencia directamente a maior ou menor comparência de cantores e assistentes.

À semelhança do que acontece na véspera, numa novena, frente ao altar, sempre com o mestre na vanguarda, todos se ajoelham (excepto a família enlutada) e se benzem para se começar.

Reza-se o Acto de Contrição e, a seguir, o mestre servindo-se de solista e os cantores de coro rezam a oração «Altíssimo Senhor, Verdadeiro Criador e Salvador meu...» Pelo mesmo processo, se reza a oração «Santíssima Virgem Maria despertai minha memória...»

Seguidamente, reza-se a «Ladainha de Nossa Senhora», faz-se a aplicação, declama-se as Petições Quotidianas insertas no Relicário, sendo no fim de cada parágrafo repetidas em coro, pelos cantores, a expressão «assim seja».

A cerimónia continua com o mestre a proferir sozinho o Colóquio ao Pai Eterno seguida da novena das Almas do Purgatório, em que o mestre e um dos cantores, como solistas, dizem a oração I, e os outros proferem o Pai Nosso e a Ave Maria; e depois, a oração II e assim, sucessivamente, até ao fim da referida Novena.

No fim da oração de S. Gregório, declamada pelo mestre, o cantor que servira com ele de solista procede ao respectivo oferecimento.

Finalmente o mestre reza a «Suplica» e faz-se o oferecimento culminando assim a cerimónia. Porém antes de se levantarem, rezam dois Pai Nossos, Ave Marias, Gloria Patri, oferecendo estas orações pela alma do defunto.

Na actualidade, a novena, na sua versão tradicional, tende a desaparecer porquanto a exiguidade de cantores e as inúmeras solicitações destes, não permitem a realização tradicional desta prática. Assim, na maioria dos casos, a partir do dia seguinte ao funeral, fazem-se terços vespertinos até ao dia anterior à Véspera. Todavia, fazendo parte integrante da reza, ela continua insubstituível, sob pena de desvirtuar a própria Véspera enquanto tradição popular.

3. Stações (Estações)

Fazendo parte da Véspera, as Stações constituem a derradeira fracção da cerimónia e é exclusiva dos homens.

A finalidade da Stação é sufragar o eterno descanso duma alma. Para tal reza-se Pai Nosso, Ave Maria e Gloria Patri em número de dez e procede-se de seguida ao oferecimento.

À semelhança do que acontece nas novenas, para se iniciar as Stações todos se ajoelham e se benzem e, no fim, faz-se a mesma coisa. Não obstante ser parte da Véspera, as Stações podem ocorrer fora desse âmbito e em qualquer altura: na casa do defunto, por ocasião dos pêsames ou no cemitério.

4. Hinos

Os hinos são composições líricas destinadas ao louvor divino e ao canto que têm por objectivo exprimir, com certa liberdade, o génio cultural e o gosto de uma dada geração. Muitos hinos são composições de grande valor estético-literário que cativam qualquer um pela sua beleza e pela nobreza da mensagem que encerram. É o caso do hino **‘Junto à cruz dolorosa’** que a seguir apresentaremos com uma breve análise.

No caso concreto dos hinos que se cantam nas rezas, esses têm o objectivo de animar o público que assiste às vésperas no intervalo das orações. Por outro lado, o hino confere maior explicitação e mais solenidade ao motivo dominante, isto é, à celebração.

Dada à força da tradição, os hinos constituem a parte lúdica da reza apreciada por todos quantos se encontram a pernoitar junto à casa onde se faz a reza. Por esse motivo, os cantores dedicam-se muito à aprendizagem dos hinos, pois quanto mais e melhor sabem cantar os hinos, mais respeitados são pelos seus pares e pela própria população. Assim, tradicionalmente, quando se encontram cantores de várias procedências, isto é de vários lugares, após a primeira reza, cantam uma rapsódia de hinos em que cada um procura começar um determinado hino desafiando os outros a acompanhá-lo numa competição velada entre eles.

Um facto digno de realce é que, quando se encontram *receiros* de diversas localidades da Ilha, numa só reza, nota-se alguma diferença de tonalidade na melodia dos hinos, pese embora, a letra da música seja a mesma, excepto ligeiras diferenças, fruto da deturpação de algumas palavras, ocorrida ao longo dos tempos. É precisamente neste particular que se destacam os que conseguem acompanhar, indiscriminadamente, qualquer um, seja qual for a sua procedência, isto é, que consegue dominar as quatro tonalidades diferentes utilizadas na reza ‘como dizem os cantores’ *falsete, tenor, contratenor e tiple*.

Quem, noutros tempos, não sabia de cor, os nomes dos mais famosos cantores da Ilha, devido à sua notabilidade na forma como executavam os Hinos?!

Do meu ponto de vista, a reza tem contribuído muito na aproximação e sementeira de amizade um pouco por toda a ilha de Santiago. Raros são os cantores de reza que não

se conhecem entre si em toda a ilha resultando daí, troca de visitas por ocasiões especiais, casamentos entre parentes dos mesmos, namoros, filhos etc. Pode-se dizer sem receio de errar que a reza foi um factor de união entre as populações das mais diversas localidades da ilha de Santiago. Mais do que isso, para muitos, ouvir hinos era como que assistir a grandes espectáculos de vozes. Por isso é que grande parte da cerimónia das vésperas é preenchida com hinos.

4.1 Hino Junto à Cruz Dolorosa.

Junto à cruz dolorosa,
Estava a Mãe constante
Vendo o Filho,
Agonizante.

Sua alma enternecida,
Gemia trespassada
Da penetrante dor
Da aguda espada.

Do unigénito Filho,
Oh! Que triste e que aflita
A morte vendo estava
A mãe bendita!

Seu peito angustiado
Sentia em dor suspenso
No do filho o martírio
Mais intenso.

Que coração humano
De Chorar deixaria,
Vendo a dor que o da
Virgem padecia?

Quem a dor suspendera
Vendo a Mãe trespassada
No tormento do Filho
Atormentada?

Por culpas do seu povo
Viu que o crucificado
Morria a golpes mil
Despedaçado.

Viu n'um lenho afrontoso
Morrer o Filho caro
Em triste e mais que humano
Desamparo.

Doce Mãe, do amor fonte,
Convosco em justa mágoa,
Fazei sejam meus olhos
Rios de água.

Fazei que ardentemente
Por quem tanto me ama
Meu coração se abraze
Em viva chama.

Essas divinas chagas
Fazei que, em eterno efeito,
Altamente se imprimam
No meu peito.

Do vosso amado Filho
As penas que padece,
Reparti com meu peito
Que as merece.

E chorando convosco
Seja sempre sentida
Do vosso Filho a morte
Em minha vida.

De acompanhar-vos sempre
Junto à cruz tenho sorte,
Chorando de Jesus
A acerba morte.

Em vossa companhia,
Preclara Virgem pura,
Um mar seja meu peito
De amargura.

N'ele de Cristo a morte
Se imprima amargamente
Para que sinta o quanto
Cristo sente.

Por compassivo affecto
D'essas chagas ferido,
Sentindo só de amor
Perca o sentido.

E este amor abrasado
Lá no terrível dia
A vossa dor mereça
Por valia.

Fazei que defendido.
Da cruz, logre a ventura,
Que o tormento de Cristo
Me assegura.

E quando esta se acabe

Duração transitória,

Do paraíso possa

Ter gloria. Amem.

V ANÁLISE DO HINO *JUNTO À CRUZ DOLOROSA* DO PONTO DE VISTA LITERÁRIO

Vendo a estrutura externa do Hino (composição poética), nota-se que é constituído por 20 estrofes de 4 versos cada (quadras) e que em cada uma das estrofes o segundo verso rima com o quarto, deixando o primeiro verso solto e formando com o terceiro uma rima cruzada. Analisando a métrica, medida dos versos, verifica-se que os dois primeiros versos de cada estrofe são hexassílabos (6 sílabas métricas) enquanto que os dois últimos são irregulares com 3, 4, 5 ou 6 sílabas, variando de verso para verso. São as chamadas estrofes heterométricas.

Todos os versos são graves, pois o acento predominante cai na penúltima sílaba métrica conferindo à composição um ritmo melódico acentuado próprio dos hinos.

Pela morfologia das palavras que rimam nesta composição, está-se perante uma rima rica, dado que essas palavras pertencem a várias classes gramaticais, quais sejam, **substantivos** (mágoa, água, peito,) **verbos** (deixaria, padecia, merece,) **adjectivos** (agonizante, aflita, bendita....) **advérbios** (suspensão, amargamente).

No que concerne à estrutura interna, o hino, **Junto à cruz dolorosa**, retrata a amargura da Virgem Maria assistindo o padecimento de Jesus Cristo, seu filho, na Cruz.

Apesar de ser um poema, contém elementos que lhe conferem uma certa narratividade, como sejam as personagens, o espaço, o narrador, etc.

Neste poema o sujeito poético assume-se, de início até à quarta estrofe, como narrador heterodiegético e onisciente descrevendo o que vem na alma da mãe vendo o filho a padecer na cruz sob forte tormento até à morte, para logo de seguida (5ª e 6ª estrofes), se deixar levar pela emoção, para, através de interrogações retóricas questionar a si mesmo, se alguém de coração assistiria indiferente à angustia de uma mãe nessas condições.

Evoluindo no seu envolvimento emocional acaba por apresentar as razões por que Cristo padecia e o modo como essa tormenta se processava na presença da mãe (7ª e 8ª estrofes).

A partir da 9ª estrofe, o sujeito poético assume-se como sofredor, partilhando com a mãe as mágoas e o sofrimento de que padecia, reconhecendo nela um confidente, alguém a quem possa pedir auxílio e protecção, passando a fazer parte do universo diegético como deuteragonista, personagem de acção secundária característico dos narradores homodiegéticos na prosa narrativa.

O seu envolvimento emocional aumenta de intensidade a tal ponto que, perante a causa e o sofrimento de Cristo, manifesta, a certa altura, o desejo de sentir o quanto Cristo sentiu, já que por amor, o sofrimento compensa (15ª, 16ª, 17ª estrofes).

Para finalizar, implora à Mãe que o defendesse da cruz e que fizesse com que ele desfrutasse, enquanto vivo, das razões por que Cristo morreu crucificado, para que possa usufruir da Glória do Paraíso (19ª e 20ª estrofes).

Ao longo do poema o sujeito poético, a par da sua própria pessoa que acaba por se intrometer no universo diegético, gravita à volta de dois elementos fundamentais, quais sejam a mãe caracterizada de triste, aflita, angustiada, magoada, atormentada, trespassada de dor, fonte de amor, doce, preclara, bendita e pura, e o filho caracterizado de Unigénito, Crucificado, desamparado, agonizante, caro e amado.

Os recursos estilísticos e os artifícios linguísticos utilizados neste poema conferem-lhe uma estética particular, que ao analisá-los emerge em nós necessariamente, algumas dúvidas sobre a sua verdadeira interpretação, uma vez que a maioria dos *receiros* são pessoas de baixo nível académico.

Vejamos alguns exemplos desses recursos:

Metonímia – *Junto à cruz Dolorosa* 1ª estrofe;

Sinédoque - *viu num lenho afrontoso* 8ª estrofe;

Adjectivação - *vendo filho agonizante* 1ª estrofe; *gemia trespassada* 2ª estrofe; *mãe bendita* 3ª estrofe; *seu peito angustiado* 4ª estrofe;

Anástrofe - *a morte vendo estava* 3ª estrofe; *de chorar deixaria* 5ª estrofe; *do vosso filho a morte/ em minha vida* 13ª estrofe;

Hipérbole - *viu que o crucificado/ morria a golpes mil* 7ª estrofe; *fazei meus olhos/ rios de água* 9ª estrofe; *um mar seja meu peito/ de amargura* 15ª estrofe;

Perífrase - *e quando esta se acabe/duração transitória*

Interrogação - *Que coração humano/ De chorar deixaria/ Vendo a dor que o da/Virgem padecia?* 5ª Estrofe; *Quem a dor suspendera/Vendo a mãe trespassada/No tormento do filho/Atormentada?* 6ª Estrofe.

É notório que os recursos utilizados na sua maioria são de nível semântico.

VI ORIGEM DA REZA EM SANTIAGO DE CABO VERDE

Ofício delicado é precisar no tempo quando terá aparecido a reza em Santiago. Contudo, ao recuarmos na história eclesiástica de Cabo Verde facilmente, podemos deduzir, com base nos factos, como é que essa expressão da cultura Santiaguense terá surgido.

Santiago, a primeira Ilha de Cabo Verde a ser povoada, não só foi o berço do Catolicismo no arquipélago como também albergou no seu seio a Sede do Bispado de toda a Costa Ocidental Africana, criada em 1533⁵, nesses recuados tempos da colonização europeia. Assim, cedo se engendrou uma cultura cristã muito forte no nosso seio que precisava de um número razoável de sacerdotes para dar vazão à demanda dos fiéis, o que era extremamente difícil dada à escassez de presbíteros disponíveis. Por essa razão, desenvolveu-se uma cultura religiosa muito facilita que tolerava certas práticas de culto que mais tarde se entendeu dever ser exclusiva dos padres.

Devido ao clima insalubre, à escassez de alimentos, à ganância dos brancos que vinham prestar serviço em Cabo Verde, ao pouco controle da parte dos responsáveis eclesiásticos na metrópole, à fraca preparação dos sacerdotes da terra, estes levavam uma vida promíscua transmitindo exemplos pouco ortodoxos aos fiéis que acabaram por legitimar algumas crenças contrárias à própria religião cristã.

Eis o que nos diz Julho Monteiro Júnior no seu livro, *Os rebelados da Ilha de Santiago*, pág. 41, citando o Governador Barreiros, ao escrever em 3 de Dezembro de 1854, sobre a Igreja em Cabo Verde: «o estado do serviço eclesiástico na Província é mui pouco satisfatório, tanto pela profunda ignorância da maior parte dos vigários como pela soltura dos costumes deles».

⁵ MONTEIRO, Júlio (1974) Os Rebelados da Ilha de Santiago, de Cabo Verde. Praia. Centro de Estudos de Cabo Verde. 1974 Pag. 42

Fácil se pode deduzir que, devido à escassez de sacerdotes capazes, criou-se um ambiente religioso em que determinadas práticas eram permitidas e consentidas, com toda a normalidade possível, o que acabou por se enraizar na cultura santiaguense de tal modo que, quando em 1941 chegaram a Cabo Verde os padres da Congregação do Espírito Santo⁶ e quiseram impor um certo estilo de vida espiritual, houve até resistência por parte de muita gente que, convencida da nobreza das práticas religiosas anteriores, nunca quiseram aceitar os novos sacerdotes e a nova forma de viver a religião.

É minha convicção que a reza e todos os ritos que a acompanha terá sido ensinada aos fiéis pelos próprios sacerdotes como forma de os ajudar na evangelização, já que o número de gente preparada para o efeito era insuficiente, até porque toda a reza se baseia nas orações que todos nós conhecemos.

⁶ Idem., Ob.cit. Pag .93

VII. A REZA NA ACTUALIDADE SANTIAGUENSE

Qualquer tradição tende a mudar de configuração acompanhando as mutações que se operam no interior do tecido social que lhe deu origem, pois, fazendo parte da superestrutura social, ainda que lentamente, vai refazendo os seus contornos em função da estrutura que a suporta.

A reza surgiu num ambiente social de pacificação dos espíritos, acompanhando a política de evangelização num sistema de colonização e num momento que escasseava sacerdotes para o efeito. Logo, ao ultrapassar essa etapa e entrar numa nova era em que os que são incumbidos de evangelizar terão necessariamente de ter uma formação para o efeito, certas praxes e formalidades tendem a ajustar-se à nova realidade.

Noutros tempos, ou seja, quando para se confessar um fiel, encomendar uma alma ou rezar uma missa de defunto era difícil por falta de padres, a reza fazia muita falta para quem, imbuído da crença na remissão dos pecados, não gostaria de deixar os seus ente queridos padecerem ou perecerem sem o ofício da graça divina.

Hoje, em todos os povoados se encontram catequistas e organizações religiosas prontas para responder às demandas neste sentido e, ainda que pouco abundante, existem padres em todas as paróquias que respondem prontamente às solicitações dos fiéis. Neste sentido, a reza continua a resistir às mudanças, não por necessidade espiritual premente, mas sim, pela força da tradição que ainda é muito forte, sobretudo, fora dos centros urbanos.

Quando se analisa o grupo sociológico que ainda hoje abraça a reza, na sua componente económica, cultural e etária, fica-se com a sensação de que não é tão líquida a ideia de uma morte, para breve, desta tradição secular de Santiago. A razão desta minha dúvida tem como base de suporte a elevação cultural da nossa população que, tendencialmente, quer resgatar o pouco que resta da nossa tradição, a procura cada vez maior por parte de todas as camadas sociais dos *receiros* para fazerem reza por ocasião da morte dos familiares e, sobretudo, pela aprendizagem deste ritual por parte dos jovens com maior nível de escolarização. Por outro lado, devido à elevação do nível intelectual e

posição social de muitos *receiros*, a incompatibilidade que outrora existia entre os catequistas, as autoridades religiosas e os cantores de reza tende a dissipar-se.

Não obstante o posicionamento atrás patenteado é de se referir que cada vez mais escasseiam *receiros* em certas comunidades, o que inviabiliza a cerimónia da reza, mesmo que os familiares queiram fazê-la. Assim, se por um lado no interior encontramos ainda viva a tradição, já na Praia, por exemplo, devido à falta de *receiros*, quando alguém quer realizar uma reza, necessariamente, terá que recorrer aos cantores do interior já que aí é raro encontrar jovens interessados em cultivar essa tradição.

Como os centros urbanos crescem em função do êxodo rural e de outros factores de incentivo à migração das populações, havendo um desenvolvimento que permita a fixação das comunidades nos lugares de origem, a reza poderá perdurar por um tempo indefinido.

VIII. CONCLUSÃO

Ao dissertar um pouco sobre a reza notei, com prazer, que ao contrário do que à partida eu pensava, a reza é uma tradição bem vincada na cultura santiaguense e que a força de que ainda desfruta, o modo como as pessoas ainda a encaram e a crença ou mito existente à volta desse ritual vai perdurar por tempo indeterminado na nossa sociedade.

À medida que o tempo vai passando, certos preceitos característicos da época em que a reza teve a sua génese vai mudando, em conformidade com novos valores que a sociedade adopta e, obviamente, essas mudanças fazem com ela se torne mais adequada aos novos padrões sociais. Por exemplo, o recitar do rosário, só era consentido às mulheres casadas ou viúvas, numa clara discriminação social das mulheres solteiras, pois, a própria igreja, pela prática, defendia tal preconceito, já que as mulheres solteiras não tinham perante a Igreja o mesmo tratamento que tinham as casadas, ou seja, não tinham a consagração do matrimónio.

Da mesma forma, as pessoas não chefes de família, ainda que adultas e de estrato social abastado, não podiam ter reza ao 8.º dia, única e simplesmente porque não tinham responsabilidades familiares. Por essa razão, as vésperas destes eram feitas ao 7º dia. Decorrido o tempo, com o reconhecimento da união de facto e da igualdade dos direitos entre os cidadãos, todos esses preceitos foram dissipados na reza e hoje, também nessa cerimónia/ritual, se observa a igualdade entre as pessoas em matéria de poder ou não participar em certos momentos da reza.

À semelhança do que acontece, regra geral, nas outras cerimónias religiosas, a reza continua a desfrutar de grande respeito e admiração por parte de todos quantos a assistem, conferindo a todos, momentos de reflexão sobre a fraqueza humana e os mistérios do poder divino. Em certos instantes da reza, os que meditam profundamente na miséria da existência humana, não conseguem afugentar as lágrimas de tanta emoção. Aqui reside, do meu ponto de vista, o papel da reza como regulador do comportamento social ao proporcionar a todos espaço de meditação sobre o poder de Deus e sobre tudo quanto podemos ou não fazer de forma a merecer a graça Dele.

Se por um lado escasseiam cada vez mais cantores de reza em certas comunidades, noutras, porém, há um aumento considerável de jovens que se dedicam seriamente a esta tradição. O certo é que neste momento, há muitas mais pessoas a fazerem reza por ocasião da morte de seus familiares do que anos atrás. Tal constatação é observável mesmo entre os catequistas que outrora preferiam terço em vez da reza.

Entendo que com a tolerância que passou a existir a partir de uma certa altura, em relação à reza, que certos sectores da sociedade consideravam como sendo coisa de rebeldes ou de ignorantes, muito boa gente começou a escutá-la e a percebê-la, de modo que deixou de haver alguns preconceitos sobre esta tradição. Assim sendo, este despertar súbito pela reza está intimamente relacionada com os ensinamentos que ela encerra e com a força da tradição em si numa sociedade eminentemente religiosa.

Em síntese, gostaria de dizer que a reza está bem viva e arraigada no espírito das populações rurais de Santiago, merecendo aí grande respeito e aceitação, mas com uma clara decadência nos centros urbanos, onde, devido ao modo de vida e a outros condicionalismos típicos da urbanidade fazem com que as tradições ou sofram alterações profundas ou acabem mesmo por desaparecer, salvo manifestações esporádicas de alguns conservadores oriundos do interior

IX. BIBLIOGRAFIA

CARREIRA, António. (1972) Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata. Praia. Instituto de Promoção Cultural. 2000.

MONTEIRO, Júlio (1974) Os Rebelados da Ilha de Santiago, de Cabo Verde. Praia. Centro de Estudos de Cabo Verde. 1974.

PEREIRA, António Maria. (1917) Relicário Angélico. Lisboa. Livraria Editora. (...)

PORTO EDITORA, (1952) Dicionário da Língua Portuguesa. Porto. 2003.

SANTA RITA VIEIRA, Henrique Lubrano. *Ritual da Esteira*: Tribuna nº IV – II Série 1988.

SARTORE, Domenico. & TRIACCA, Achille M. (1992) Dicionário de Liturgia. São Paulo. Edições Paulistas. 1992.

SILVA, António Leão Correia. (2004) Combates pela História. Praia. Spleen – Edições. 2004.

X. ANEXOS

Anexo 1- TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS FEITAS A PROPÓSITO DA REZA

Das entrevistas feitas sobre a reza obtive as seguintes respostas:

“O que entende por reza?”

Reza é uma tradição religiosa que encontramos e que, com certeza, vamos deixar;

Reza é um conjunto de orações que se faz em ordem a minimizar as penas dos defuntos e ajudá-los a alcançar a salvação;

Reza é uma cerimónia comemorativa de oito dias, um mês, três meses, seis meses ou ano;

Reza é um conjunto de palavras que se diz para suplicar a Deus e aos santos.

De quantas partes se compõe uma reza completa?

Uma reza completa é composta pelas seguintes partes:

-Um Acto de Contrição (para iniciar);

-Um dos Mistérios (Gozoso, Doloroso ou Glorioso) em função do dia de semana em que se está a fazer a reza e os respectivos Oferecimentos;

- Uma Novena das almas;

- Hinos diversos;

- Ladainha de Nossa Senhora;

- Petições quotidianas,

- Ó Luz do Espírito Santo.

Que função tem cada uma das partes?

A esta questão não tive resposta de muitos inquiridos. Todavia, um dos poucos que me respondeu disse-me que:

-Acto de Contrição é uma manifestação de dor ou arrependimento sincero pelas faltas cometidas contra Deus e predisposição ou compromisso forte de não mais voltar a cometer os mesmos erros. É a introdução da reza.

-Mistério é uma espécie de revelação das verdades que só pela fé se consegue entender, pois, está acima da razão. Os mistérios servem para fazer as pessoas meditarem sobre o poder de Deus e temer desse mesmo poder como forma de não se deixar guiar pelos caminhos errados.

-Oferecimento é a oferta de todas as meditações e manifestações de amor a Deus e aos Santos que servem de pretexto para Lhes rogar pela salvação dos defuntos.

-Novena das almas é uma oração que serve para chamar as almas do Purgatório a virem assistir as devoções e acompanhar os pedidos que se fazem pela sua intenção.

-Os Hinos são canções de louvor a Deus e aos Santos e servem para animar o público que assiste a reza no intervalo das orações, ao mesmo tempo que o faz meditar sobre as mensagens neles contidos.

-Ladainha é um conjunto de invocações a Deus aos Santos às Instituições e às Criações divinas como forma de pedir-lhes socorro e protecção pela alma do defunto e, consequentemente, pelas almas de todos aqueles que vieram na companhia desse defunto.

-Petições Quotidianas são conjunto de pedidos a Deus que são feitos ajoelhados, por tudo neste Mundo em conformidade com a Ordem de caridade e de justiça.

Ó Luz do Espírito Santo é uma canção de invocação à Luz do Espírito Santo que tem por objectivo enviar a alma do defunto, objecto da reza, e todas as almas que vieram na sua companhia para o lugar donde vieram iluminados pela Luz do Espírito Santo.

Que diferença há entre as rezas que se fazem para comemorar os oito dias, um mês, seis meses e um ano?

Não obstante a realização das rezas de três e de seis meses, são três as rezas fundamentais para a intenção das almas dos defuntos, ou seja, a de oito dias, a de um mês e a de um ano. A diferença entre elas é pouco significativa, pois, os procedimentos são idênticos. Contudo, nas rezas de um mês, de três meses e de seis meses, além de não se fazerem a segunda reza, não se cantam “Ô Luz”.

Por que razão noutros tempos os responsáveis da Igreja Católica se opunham à realização da reza?

A Igreja nunca proibiu reza, houve sim, alguma relutância por parte de alguns sacerdotes em aceitar que um acto tão sério, qual seja uma devoção, seja realizado num ambiente de bebedeira e por alguém que esteja embriagado. Por outro lado, devido ao nível académico extremamente baixo de certos padres de reza, muitas palavras são deturpadas, ainda por cima quando ditas em latim. Assim, muitos catequistas que tinham poder nas comunidades quase que obrigavam os fiéis a rezem terço ao invés da reza.

Que relação existe entre a reza e o terço?

Todos os dois comportam orações e oferecimentos. Porém, a reza é muito mais abrangente que o terço.

Um terço tem cinco mistérios cinco Padre-nosso e cinquenta Ave-maria, enquanto que uma reza completa tem quinze Padre-nosso e cento e cinquenta Ave-marias. Para além disso, a reza é cantada e comporta vários hinos. Por isso é que as pessoas preferem reza em vez do terço, para os seus defuntos.

Como terá aparecido a reza em Cabo Verde?

Dos inqueridos apenas um me terá dito que provavelmente a reza terá surgido logo nos primeiros tempos da ocupação de Cabo Verde, logo após a catequização dos escravos. Outros limitaram a dizer-me que nasceram e encontraram as pessoas a fazerem reza e que os seus avós lhes contaram a mesma coisa, ou seja, que já se fazia reza quando nasceram.

Como encarar o futuro da reza em Cabo Verde?

Os “*receiros*” normalmente são pessoas antigas que estão a desaparecer de forma acelerada e, os jovens, são muito poucos que se preocupam com essa tradição. Por isso, em certos sítios já não encontramos “*receiros*” e muitos defuntos, apesar de deixarem os parentes para fazerem rezas, ficam inclusive sem algumas das rezas fundamentais como sejam as de oito dias, um mês ou ano. Se essa tendência continuar, naturalmente que a reza, pelo menos nos moldes que hoje é feita, seguindo a tradição antiga, está condenada a desaparecer.

Nem todos os entrevistados têm essa opinião. Alguns afirmam que nalguns povoados muitos jovens já sabem fazer reza e que estão muito mais afinados do que os mais antigos, isto é, sabem ler melhor cantam muito bem. Sendo assim, a reza só acaba quando o mundo acabar.

Que papel desempenha a reza na nossa sociedade?

A população de Cabo Verde por ser eminentemente Católica, a reza funciona como que meio de aproximação a Deus, isto é, uma das formas de conversar com Ele.

As palavras os hinos os Mistérios e as orações de que comporta uma reza funcionam como moderadores do comportamento social. As meditações que a reza obriga as pessoas a fazer, põe a nu a fraqueza humana e dissipa as ilusões e as ambições desmedidas o que faz o homem aproximar mais do bem.

Anexo 2- HINOS QUE ACOMPANHAM A REZA

2.1-HINO CANTEMOS

Cantemos de voto, ajudai e rezai

Rosário de Maria

Informando esta alma

Da luz de bateria

Empenhemos esta alma

Com valente devoção,

Informando certo trunfo

Satanás dá traição

Vamos sem demora

Louvar a Virgem Maria

Vamos, vamos sem demora

Louvar a Virgem Senhora

Vamos, vamos sem demora

Louvar a Virgem Santíssima

Voto um terço de rosário

Deus graça confiaria.

Senhor Deus misericórdia

Virgem Mãe de Deus misericórdia

Virgem mãe de Deus

Unido, dai vosso filho a luz.

Para que nos louve

Na vida e na morte

Os Anjos cantam na Gloria

Os homens cantam na terra

Para sempre,

Amem Jesus

.

2.2-HINO CLEMÊNCIA

1º Clemência meu Deus

Deus ampare meu bem,

Perdoai meu Jesus

Perdão por piedade;

2º Quantas ofensas confesso Senhor,

Como são os temores da minha maldade.

3º Nós somos ingratos

Que sem vos respeitar, lançar

No meu peito com tanta impiedade

4º Nós somos soberbos

Que Deus nos estranha

Por não respeita tão grande Majestade

5º Já choro e sinto uma dor

Magoada que dos meus pecados e

Dos vossos, peço perdão

6º Por um vil Capricho

Cheguei em meu Senhor,

E um fogo de amor, amor de Grande crueldade

7º Esta alma rebelde

No dia de Heródoto

Assim redentor, que desculpa dera?

8º Está um soberano no trono assentado

No rio da água branda

Quem me dera!

9º Já volto a buscar

Um Deus amoroso de misericórdia

A minha alma achará

10º Neste mar de sangue

Que eu quero ser lavado,

Meus pecados extintos serão.

11º Vai longe o pecado do coração meu,

Que jamais assim, quer ver pecar.

12º Resolve a promessa com toda a verdade,

Assim, a vossa bondade não pode ofender.

13º Ó sacra Maria!

Feliz esperança firmeza me alcança,

Constância me dê

14º Ó Sacra Maria, lavadeira Divina,

Lavai a nossa alma

Com o leite do vosso peito

15º Ó sacra Maria!

Lavadeira de Jesus Cristo,

Lavai a nossa alma com sangue de vosso filho.

16º Ó sacra Maria!

Lavadeira de misericórdia,

Lavai a nossa alma com lágrima de vossos olhos.

17º Amparai meu amante na vossa pureza

De mim fugirá

18º Com vosso socorro

Espero a vitória,

A minha alma achará

19º Diante de vosso filho e deste Senhor

Já com dores, flores e louvores vos darão.

20º Ó Virgem Santíssima!

Pela vossa pureza, não permitais

Que ofenda suprema alteza. (Repete-se três vezes)

Para sempre, amem Jesus.

2.3-HINO MARIA DE SETE DORES

1º Ó Maria de sete dores,

Mãe do filho cinco chagas,

Dai-nos nesta vida paz.

2º Ó Maria de sete gozos,

Mãe de Cristo enquanto homem

Dai-nos na outra vida Gloria.

3º Ó Maria Virgem ditosa,

Nossa pura escolhida

Entre os filhos de Adão,

4º Virgem pura Virgem casta,

Mais formosa e mais brilhante que o sol,

5º Enquanto o gosto era seu

Nasceu vosso Filho redentor.

6º Só vós fostes anunciada

Para mãe do Rei supremo,

Criador Universal.

7º Nós, humildes vos pedimos

Pelas vossas sete dores,

Lembraí-vos de vosso filho.

8º Degredado neste vale,

Lamentamos e suspiramos

Esperando a vossa graça.

9º Dai-nos fé e esperança,

Dai-nos paz e caridade,

Para sempre vos louvarmos.

10º Só vós fostes escolhida

Para nossa advogada

Ai, ai Maria Santíssima.

11º Nossa graça, nossa guia,

Nossa alma, nossa mãe,

Rogai por nós vossos filhos.

12º Suplicamos e replicamos

O gesto quanto a todas as dores

Que padeceste por nosso amor.

13° E na rua de amargura,

Vendo triste

Encravado na cruz,

14° O quão triste gemendo,

Vendo aquela cruz pesada

Sobre os seus ombros feridos.

15° Ó senhora Santa Maria,

Mãe de Deus e todos os santos,

Sois mãe de dos pecadores.

16° Nós vos pedimos e rogamos

Seja nossa protectora

Na hora da nossa morte.

17° Para que vosso filho

Não seja perseguido

Pelo vosso inimigo.

18° Seremos sempre ajudados

Com socorro de vosso filho

Nesta vida de traição.

19º Que sejamos conduzidos

À Gloria prometida ao filho

De Adão.

20º Nós vos pedimos e rogamos

Por paixão de vosso filho,

Dai-nos noutra vida gloria.

Para sempre Amem.

2.4-HINO SENHOR DEUS

1º Senhor Deus misericórdia,

2º Virgem Mãe de Deus misericórdia,

3º Senhor Deus senhor de misericórdia,

4º Senhor Deus haja misericórdia,

Piedade para nossa alma;

5º Senhor S.Tiago, como maior Patrono desta Ilha,

Senhor Deus dai-nos água suficiente;

6º Senhor S. Francisco,

Dai-nos pão que nos sustenta;

7º Senhor S João de paz,

Dai-nos a paz que nós desejamos;

8º Senhor Espírito Santo,

Divino pai espiritual e corporal;

9º Senhor Deus, se não fosse o Senhor,

Ai de nós pecadores!

10º Senhor Deus,

Tente compaixão de vosso filho;

11º Senhor Deus,

Ouve nossa súplica por vosso rogo.

12º Senhor Deus,

Já reconhecemos que somos ingratos pecadores;

13º Senhor Deus,

Que nos criastes, que nos remistes

14° Senhor Deus,

Que é nosso pai criador lá no alto do Céu;

15° Senhor Deus,

Cobri-nos com manta de misericórdia;

16° Senhor Salvador do mundo,

Rei do Céu, rei da terra,

Salvai a nossa alma;

17° Virgem Santíssima,

Valei-nos e socorrei-nos

Com a sua divina misericórdia;

18° Senhor Deus, amem

Senhor Deus, amem

Senhor Deus, amem

2.5 - HINO SANTÍSSIMA TRINDADE

1º Meu amado Jesus, José e Maria,

O meu coração entrega-vos alma minha.

2º Meu amado Jesus José e Maria,

Assiste-me sempre na hora de ultima agonia.

3º Meu amado Jesus, José e Maria,

Espero paz entre vós de alma minha.

4º António Santo de Jesus querido,

Valha-me sempre com vosso patrocínio.

5º António Santo da minha alma alegria,

Com Jesus assiste-me sempre, no último dia.

6º António Santo de Jesus querido,

Assisti-me e ajudai-me sempre no mesmo mortal perigo.

7º Valai-me meu António, no final da agonia,

Para que eu possa acabar na velhice da vida.

8º António Santo de Jesus querido,

Quero andar convosco até no último suspiro.

9º Levai a nossa alma,

No dia da despedida deste mundo

Aonde possa levar, levai para Jesus de Maria.

Três padre-nosso

Três ave-marias

Três Gloria padre

2.6 - HINO Ó LUZ DO ESPIRITO SANTO

1º Venha ó luz do espírito Santo

Que vai na vossa companhia;

2º Meu menino, com alegria,

Cantemos como se canta;

3º Dizendo Jesus à Maria

Vós que dais fé, ó luz;

4º Venham todos a doutrina aprender

Que vos ensino;

5º Da parte do meu bom Jesus,

Meu Jesus meu redentor;

6º Meu menino, manso cordeiro,

Adoro meu senhor;

7º Deixai o jogo da fúria

Porque vós estais enganados;

8º Venha toda apressada

Ó divina alegria;

9º Pondo os olhos no Céu,

Lá veremos cinco rosas;

10º Como um cristão que vos avisa,

Preparai para salvar;

11º Olha que hás de acabar,

Hás de dar conta ao Juiz;

12º Nesta vida militante

Não há mais que um momento;

13º Tão formosa e bem cheirosa,

Lá no corpo do meu bom Jesus

14º Que Ele faz fundamento,

Lá parece um triunfante,

15º Meu Jesus meu redentor,

Meu senhor misericórdia,

16º Eu adoro meu senhor

Porque tanto nos há de mister,

17º Ó Senhor, dai-nos esmola

A nossa alma está caída

18º Veja um pobre entristecido

Sem a vossa consolação;

19º Ave-Maria senhora

Dai-nos olhos divinos e sacrários;

20º Mãe de Deus, rainha da Virgem,

Fonte de consolação;

21º Minha Virgem da Conceição,

Nossa bela defensora;

22º Em qualquer tempo no Mundo

Será nossa valedo

23º Que não há pessoa no Mundo

Só pastor S. João doutor.

24º Poeta na sabedoria

Que não haja cabo no Mundo;

25º Vosso santíssimo louvor

Meu bom Jesus em Belém;

26º Não lestes

Que vos faria esclarecido

27º Da flor pariu rosa,

Pariu flor. Da rosa

ANEXO 3- FOTOGRAFIAS



3.1- Cenário



3.2- Início de Reza



3.3. Reza do Rosário



3.4. Oh Luz do Espírito Santo